

*IV Prêmio Professor
Galba de Araújo*



Humanizar a atenção ao parto e ao nascimento
Direito da mulher e do recém-nascido



MINISTÉRIO DA SAÚDE
Secretaria de Atenção à Saúde
Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas
Área Técnica de Saúde da Mulher

IV Prêmio Nacional Professor Galba de Araújo

Humanizar a atenção ao parto e ao nascimento

Direito da mulher e do recém-nascido

Brasília - DF

2005

©2005 Ministério da Saúde.

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e não seja para venda ou qualquer fim comercial. A cessão dos direitos patrimoniais de autor ao Ministério da Saúde é de total responsabilidade da Área Técnica.

Série F. Comunicação e Educação em Saúde

Tiragem: 1ª edição – 2005 – 10.000 exemplares

Elaboração, distribuição e informações:

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Secretaria de Atenção à Saúde

Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas

Área Técnica de Saúde da Mulher

Esplanada dos Ministérios, Bloco G,

Edifício Sede, 6º Andar, Sala 648

CEP: 70058-900, Brasília – DF

Tels.: (61) 315 2933 / 223-5591

Fax: (61) 315-3403

E-mail: saude.mulher@saude.gov.br

Home page: <http://www.saude.gov.br>

Jornalista responsável:

Táisa Ferreira

Fotógrafo:

Marcos Finotti

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Ficha Catalográfica

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. IV Prêmio Professor Galba de Araújo: humanizar a atenção ao parto e ao nascimento: direito da mulher e do recém-nascido – Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

20 p.: il. color. – (Série F. Comunicação e Educação em Saúde)

ISBN 85-334-0860-9

1. Saúde materno-infantil. 2. Atenção à saúde. 3. Humanização do parto. 4. Humanização do atendimento. I. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. II. Título. III. Série.

NLM WA 310 - 320

Catálogo na fonte – Editora MS – OS 2005/0051

Títulos para indexação:

Em inglês: Galba de Araújo Professor IV Prize. Humanizing Prenatal Care and Childbirth: women's and newborn's rights

Em espanhol: IV Premio Profesor Galba de Araújo. Humanizar la Atención al Parto y al Nacimiento: derecho de la mujer y del recién nacido



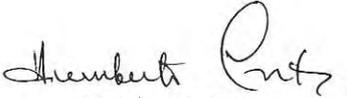
UM SALTO DE QUALIDADE	05
UM PRÊMIO MERECIDO	07
A LIÇÃO DE GALBA DE ARAÚJO	09
UM ELO PODEROSO COM A COMUNIDADE	10
UMA CASA ESPECIAL	12
MOMENTO DE DOÇURA E ALEGRIA	14
MÃES, FILHOS E FLORES	16



Respeito, atenção, dignidade. O segredo para a humanização da rede pública de saúde no Brasil está em atitudes simples, que envolvem os gestores, os profissionais de saúde e a comunidade, no sentido de se estabelecer co-responsabilidades e vínculos solidários. Não adianta só investir na estrutura física e tecnológica dos hospitais, ou melhorar as condições de trabalho dos seus profissionais. A humanização do atendimento, uma das maiores preocupações do Ministério da Saúde nos últimos anos, é fundamental para a qualificação da rede SUS (Sistema Único de Saúde). Considerar o outro como sujeito e não como objeto passivo para ação dos profissionais de saúde é a base para a humanização.

Isso significa um salto decisivo, cujo resultado vem sendo um atendimento muito mais acolhedor, digno e solidário, e que, muitas vezes, é baseado em soluções criativas e de baixo custo. Mas o processo de humanização do atendimento hospitalar exige, quase sempre, trabalho cuidadoso de mudança de atitudes; sugerimos atitudes, em vez de hábitos. Este trabalho, felizmente, já vem sendo incorporado à rotina de alguns serviços da rede SUS.

O objetivo do Prêmio Galba de Araújo é exatamente divulgar e incentivar experiências bem-sucedidas de humanização, em uma das áreas em que ela se faz mais necessária: o atendimento à gestante e ao recém-nascido. Mais do que incentivar o parto normal e o aleitamento materno, as maternidades premiadas são exemplo de que nossas gestantes podem – e devem – ser atendidas com a maior presteza, carinho e atenção; de que o parto precisa ser encarado não como momento de dor e ansiedade, mas de vida e alegria; de que a equipe de saúde deve realizar procedimentos comprovadamente benéficos para a mulher e o bebê, que evitem intervenções desnecessárias e preservem a privacidade e a autonomia da mulher.


Humberto Costa
Ministro da Saúde





Reconhecer e premiar as unidades de saúde integradas à rede SUS que se destacam na atenção humanizada à mulher e ao recém-nascido, no estímulo ao parto normal e ao aleitamento materno: esses são os objetivos básicos do Prêmio Galba de Araújo, criado em 1998, pelo Ministério da Saúde. O Prêmio revela experiências inovadoras na gestão pública brasileira, muitas vezes baseadas em soluções simples e criativas, que resultam em atendimento mais acolhedor, seguro, digno e solidário.

Para participar do Prêmio Galba de Araújo, as maternidades precisam permitir a presença de acompanhante no pré-parto, parto e puerpério, ter índice reduzido de cesáreas e comissão de controle de infecção hospitalar, além de permitir a realização de parto de baixo risco por enfermeiras, se tiverem profissionais capacitados para tal. Entre os critérios de avaliação, estão a garantia de visita de familiares e amigos, horário flexível para alimentação, privacidade no pré-parto, eliminação do enema, da episiotomia e da tricotomia de rotina, alojamento conjunto, acomodações adequadas e satisfatórias em limpeza, ventilação e iluminação, possibilidade de escolha da modalidade e da posição do parto, acesso à analgesia peridural durante trabalho de parto, registros adequados e realização de atividades de sensibilização e humanização do atendimento. Só podem inscrever-se para concorrer ao Prêmio maternidades que ainda não foram premiadas em edições anteriores.

A avaliação ocorre em duas etapas. Na primeira, as Secretarias Estaduais de Saúde recebem as inscrições, avaliam as instituições e selecionam seus representantes. Na segunda, a Comissão Nacional avalia as instituições que representam os estados e elege um vencedor para cada região. Se as maternidades de uma mesma região não alcançarem a pontuação mínima, instituída no regulamento, essa região não será agraciada com o Prêmio. A Comissão Nacional do IV Prêmio Galba de Araújo foi formada pelas seguintes instituições: Ministério da Saúde, Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, Comissão Intersetorial de Saúde da Mulher, Conselho Federal de Medicina, Federação Brasileira das Sociedades de Ginecologia e Obstetrícia, Associação Brasileira de Obstetras e Enfermeiros Obstétricos, Rede Nacional pela Humanização do Nascimento e Rede Nacional Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos.

Cada maternidade contemplada recebe um certificado, uma estatueta, uma placa e um incentivo financeiro no valor de 30 mil reais. Recebe, acima de tudo, o reconhecimento merecido por um trabalho marcado pela atenção e pelo respeito à mulher e ao recém-nascido.

A LIÇÃO DE GALBA DE ARAÚJO



O parto normal é, de longe, o mais adequado para a saúde da mãe e do bebê e ações simples, respeito e atenção podem significar uma diferença e tanto para a saúde da população. Idéias pelas quais o ginecologista e obstetra José Galba de Araújo lutou a vida inteira e que o tornaram referência na defesa do exercício mais humano da obstetrícia. O professor Galba de Araújo, como ele gostava de ser chamado, soube, como poucos, unir o conhecimento técnico ao conhecimento popular e sempre buscou a participação da comunidade na construção de um trabalho exemplar de atenção à gestante e ao recém-nascido.



José Galba de Araújo nasceu em Sobral, no Ceará, em 1917. Estudou Medicina na Bahia e nos Estados Unidos, onde teve contato com o que havia de mais avançado, na época, em tecnologia obstetrícia. Mas ele não se limitou ao conhecimento científico obtido lá fora. De volta ao Brasil, uma das suas maiores preocupações foi conciliar tecnologia, costumes e tradições regionais. A realidade brasileira, com todas as suas peculiaridades, precisava ser entendida e respeitada.

Foi esse desafio que o professor Galba de Araújo levou para a zona rural, onde criou um projeto exemplar de atenção primária, com o firme propósito de melhorar a qualidade do parto domiciliar e identificar as gestantes de alto risco. Além de formar profissionais de saúde, ele apostou na confiança que as parteiras já haviam conquistado nas comunidades. Uniu tradição e conhecimento científico, orientando as parteiras sobre procedimentos simples, mas fundamentais para a saúde da mulher e do recém-nascido, como o uso de material esterilizado para o corte do cordão umbilical.

Uma lição de respeito e atenção não só para os profissionais de seu tempo, como para todas as gerações futuras e para todos os que defendem a humanização do parto e do nascimento.



UM ELO PODEROSO COM A COMUNIDADE

O casarão de enormes portas azuis tem muita história para contar. Fundado em 1825 pelo imperador D. Pedro I, o Hospital de Caridade São Pedro d'Alcântara, em Goiás, é um dos mais antigos do País. Além da assistência médico-hospitalar, sempre teve papel social fundamental em uma das microrregiões mais pobres do Estado. O elo com a comunidade ficou ainda mais estreito depois da adoção, em 1998, do projeto MAMI (Melhoria da Assistência Materno-Infantil), patrocinado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento. Nem a enchente que cobriu de água e lama mais de 80% das instalações da instituição filantrópica, na virada de 2001 para 2002, arrefeceu o entusiasmo da equipe. O espírito do MAMI, baseado na humanização do atendimento hospitalar, falou mais forte. E provou que assistência digna e acolhedora independe, na maior parte dos casos, de estrutura física.

Para atestar isso, é só dar uma volta pela maternidade ou acompanhar o pessoal da enfermaria e assistência social em uma das muitas visitas domiciliares que acontecem toda semana (são 30 a 40 partos/mês na instituição). Gestante ou puérpera, cada mulher atendida no São Pedro é tratada com todo carinho. A equipe conhece nome, endereço, família, dificuldades financeiras e histórias de vida de cada uma. Além do acolhimento caloroso durante o pré-natal e o parto, o envolvimento pessoal cria um elo poderoso, que garante o sucesso do aleitamento materno e semeia um trabalho preventivo de saúde na comunidade.

É na visita, de casa em casa, que a equipe confere os cuidados com os recém-nascidos e reforça as orientações dadas ao longo de todo o pré-natal. Num dos bairros mais humildes da cidade, Márcia recebe as duas técnicas de enfermagem do São Pedro na maior alegria. Ela deixou a maternidade há cinco dias e reclama que tem pouco leite. Escuta com atenção: "É só tomar bastante líquido e ficar tranqüila; quanto mais o bebê sugar, mais leite ela vai ter". Quando a equipe encontra, em cima do berço, uma chupeta e um vidro de azeite para passar no umbigo do pequeno Paulo, é hora de reforçar as orientações do pré-natal: "Márcia, Márcia, deixa essa chupeta de lado, ela vai é atrapalhar seu nenê a mamar. E olha que esse azeite pode acabar dando uma infecção nele, menina. Cadê o álcool que a gente te deu na saída da maternidade?"; "Tá certo, tá certo", concorda a mãe, garantindo, também, que naquela semana mesmo vai levar o filho para tomar as vacinas e fazer o teste do pezinho, já agendado.

Na casa de Cleuza, são os filhos mais velhos que recebem o pessoal do hospital. A enfermeira troca a fralda de Lorena, que está completando uma semana, quer saber se ela está fazendo bastante xixi, se já fez o teste do pezinho, se está mamando bem. Aponta para a bombinha, em cima da cama, e observa que, quando necessário, é melhor fazer a ordenha com a mão, pois dói muito menos. Acha graça quando Cleuza comenta que a filhinha dorme demais: "É assim mesmo, já esqueceu?".

Cleuza quase esqueceu, mesmo, foi a dificuldade dos partos anteriores. "Dessa vez, eu tive o nenê de cócoras, foi bom demais. Eles me ensinaram as posições, me falaram para fazer caminhadas no trabalho de parto, me ensinaram a respirar. Meu marido podia entrar e ficar comigo na hora. Eu é que não quis.", lembra. Lorena nasceu tão rápido que Cleuza mal pôde aproveitar outra grande vantagem da maternidade de São Pedro d'Alcântara: salas de pré-parto individualizadas, com dieta liberada, cintas especiais para relaxamento e supervisão permanente da equipe de saúde. Mas, ao deixar a maternidade, ela preencheu, como todas as outras mães, uma ficha completa de avaliação de cada etapa do atendimento, do pré-parto ao puerpério.



Um dos maiores orgulhos na maternidade do Hospital de Caridade São Pedro d'Alcântara, que já tem o título de Hospital Amigo da Criança, é a redução da taxa de cesariana, que, nos últimos anos, caiu de 50% para algo em torno de 23 a 25%. O hospital não admite cesárea com data marcada, a não ser em casos de risco à saúde da gestante e/ou do bebê e, embora a mãe tenha a opção de escolher a posição em que quer dar à luz – deitada, semi-sentada ou de cócoras –, a preferência acaba recaindo sobre o parto vertical, considerado mais benéfico tanto para a mãe, como para a criança, que nasce em ambiente simples, mas acolhedor: as paredes da sala de parto são recobertas por papel suave, cheio de nuvens; o teto, salpicado por estrelas fluorescentes, que brilham à meia-luz, no momento do parto.

O momento do parto é preparado com cuidado, ao longo de toda a gestação. As consultas do pré-natal começam com um lanche, às 7h30. Antes de serem atendidas pelo médico, gestantes e acompanhantes ouvem palestras ou acompanham vídeos sobre os mais diversos assuntos – planejamento familiar, doenças sexualmente transmissíveis, alimentação, gestação, parto, amamentação, cuidados com recém-nascidos –, passam pela equipe de assistência social e por atendimento psicológico. Angústias, dúvidas, medos, até problemas pessoais e familiares são acompanhados com atenção, em consultas mensais, que, muitas vezes, fazem diferença significativa na hora do parto, ainda mais em comunidades carentes, com alto índice de gravidez precoce.

Para lidar com a ansiedade das gestantes, uma conquista e tanto foi a Casa da Mamãe, inaugurada há três anos. O espaço, que funciona com o apoio da Organização das Voluntárias de Goiás, oferece oficinas de crochê, pintura em tecido, *biscuit*, fuxico, tapetes e outros trabalhos manuais. É aberto não só às gestantes – mesmo àquelas que não fazem pré-natal no São Pedro –, mas a todas as mães com crianças até dois anos. E tem muito pai e avó que também acaba participando das oficinas.

É uma festa. A meninada fica brincando aqui e ali, enquanto as mulheres preparam o enxovalzinho dos seus bebês e vão aprendendo um ofício. Mais que isso, escutam palestras, falam de seus problemas, trocam idéias, experiências e se envolvem com prazer num universo especialmente precioso para elas naquele momento: a maternidade. É o caso de Priscila. Segurando o barrigão de nove meses, a moça mostra, orgulhosa, os bicos de crochê que enfeitam os cueiros do seu nenê e que vão lhe render um dinheirinho extra, mais tarde. Priscila só tem 20 anos, mas, com a experiência de outros dois filhos, está sempre orientando as mães de primeira viagem, na Casa. “Outro dia, eu ensinei como é que a gente dobra fralda. Antes de ter filho, a gente às vezes não conhece nada. Aqui, vamos passando o que a gente sabe uma para a outra. Eu adoro.”





UMA CASA ESPECIAL

Parece uma casa comum. Grande e aconchegante, com paredes de um amarelo suave, quartos espaçosos e banheiras de hidromassagem. De qualquer canto, dá para ouvir o barulho relaxante da água jorrando da fonte, lá fora. Uma fonte repleta de carpas coloridas e rodeada de verde, um espaço perfeito para quem está contando as horas para a chegada de um bebê. O objetivo da Casa de Maria, no Hospital Geral Santa Marcelina de Itaim Paulista, em São Paulo, é esse mesmo: ser uma opção diferente para partos de baixo risco, numa casa que não lembrasse em nada um hospital e onde os bebês pudessem nascer da forma mais natural possível. Fundada em 2001 – três anos depois do hospital estadual – a Casa de Maria é responsável por uma média de 110 partos/mês, todos realizados por enfermeiros, nos próprios quartos onde as gestantes ficam durante o pré-parto.

Elas adoram. Além do conforto e do alívio de não precisarem enfrentar o estresse de um ambiente hospitalar, têm a segurança de um enfermeiro ou de um auxiliar sempre por perto, a possibilidade da presença permanente de um acompanhante (tem cama no quarto, ao lado da gestante) ou do apoio carinhoso das doulas.

Patrícia que o diga. Ela chegou muito nervosa, já em trabalho de parto, com a mãe e o irmão. Mas o irmão teve de trabalhar, a mãe era a única que podia ficar com a filha mais velha de Patrícia, de cinco anos. Nem por isso, ficou sozinha. Teve o apoio de duas doulas, que trataram de acalmá-la com muita conversa e carinho. “Elas me fizeram massagens, me abanaram, secaram o suor do meu rosto, me ensinaram a usar a bola, me ajudaram a tomar um banho morno, foi maravilhoso”, conta Patrícia, já com o pequeno Luan nos braços. Uma diferença e tanto do primeiro parto: “Quando a minha filha mais velha nasceu, eu também fiquei muito nervosa e as enfermeiras só falavam para eu parar com tanta frescura”, recorda Patrícia, hoje com 26 anos.

Luan é um menino. Nasceu com 4,630kg e 53cm. Só por isso, a mãe precisou fazer episiotomia. A ordem, tanto na casa de parto, quanto na maternidade do Hospital Geral Santa Marcelina, é fazer o corte apenas quando realmente necessário (o que só acontece em cerca de 18 a 20% dos partos). Um conforto para Janaína, que teve o quarto filho aos 26 anos e também festejou a diferença entre esse parto e os anteriores. Para ela, o nascimento de Jenifer teve um gostinho de primeira vez. Até porque foi o primeiro parto a que o marido pôde acompanhar de perto. Pôde, inclusive, cortar o cordão umbilical e sentir a emoção de participar, ativamente, do nascimento da filha.

Na Casa de Maria, a atenção e o respeito à gestante começam durante o pré-natal. As consultas são demoradas e as futuras mães podem esclarecer todas as suas dúvidas e elaborar angústias e ansiedades ligadas à gestação e ao parto. Uma vez por mês, a casa promove palestras para gestantes e familiares sobre planejamento familiar, gestação, parto, amamentação e cuidados com os recém-nascidos. As futuras mães são levadas a conhecer cada cantinho da Casa de Maria e da maternidade do hospital, que fica bem ao lado. Desde o começo, fica bem claro: só as mulheres com sinais de risco são atendidas na maternidade, onde as gestantes também têm a garantia de atendimento humanizado.



Com média de 350 partos/mês, a maternidade já eliminou o centro obstétrico tradicional. A não ser em casos especiais, com indicações médicas precisas, pré-parto, parto e pós-parto acontecem num ambiente só. A presença de acompanhante é permitida e as doulas também estão presentes, com todo o apoio e carinho de que as gestantes tanto precisam nesse momento. Assim como na Casa de Maria, a dieta é liberada e é a mulher que escolhe a melhor opção para aliviar as dores do trabalho de parto – banho morno, massagens, bola. Nas paredes, há quadros com orientações sobre as posições de parto mais confortáveis e sobre a importância do aleitamento materno.

O estímulo à amamentação é uma preocupação constante, do pré-natal ao alojamento conjunto no pós-parto, com palestras, orientações individuais e vídeos. A maternidade mantém um(a) médico(a) exclusivamente para acompanhar o aleitamento e um ambulatório só de amamentação. Bebês prematuros ganham peso mais cedo no contato pele a pele do método mãe canguru. Registro civil e vacina são direitos garantidos e o teste do pezinho já fica devidamente marcado após a alta hospitalar.

Outro orgulho, para a equipe, é a taxa de cesarianas realizadas na maternidade: elas não passam de 15% do total de partos. Com um detalhe: ali, 60% dos atendimentos são de alto risco. Quando a cesariana é indispensável, a equipe segue à risca a orientação médica: o bebê tem de nascer em menos de vinte minutos.

Tais credenciais levaram a maternidade a pleitear os títulos de Hospital Amigo da Criança e Maternidade Segura, bem como de referência em partos de alto risco.

Se depender das usuárias, os títulos estão garantidos. A satisfação pelo acolhimento atencioso e pela presteza no atendimento pode ser medida de um jeito bem simples: é só passar os olhos pela galeria de fotos de mães e bebês que enfeitam o mural da Casa de Maria e recheiam os álbuns exibidos carinhosamente pela equipe de saúde.





MOMENTO DE DOÇURA E ALEGRIA

Nada de dieta ou jejum forçados. Na Maternidade Darcy Vargas, em Joinville (SC), as gestantes já em trabalho de parto recebem chá e até doces para ter energia extra e passar da melhor forma pelo momento mais importante de suas vidas. Juliana não duvida. Com seis centímetros de dilatação, ela saboreia com vontade a gelatina que recebe da auxiliar de enfermagem, embaixo mesmo do chuveiro. A água morna, em suas costas, vai aliviando o desconforto das contrações, assim como os movimentos circulares com os quadris e os exercícios para soltar os ombros, que o(a) auxiliar vai lhe ensinando, com voz suave. Mãos firmes na barra de segurança, Juliana sabe que pode aproveitar o banho terapêutico ou mesmo o banho de imersão, na banheira, pelo tempo que quiser. Um tempo todinho voltado só para ela e para a pequena Maria Eduarda, que daqui a pouco vai mostrar sua carinha para a jovem mãe.

Se o banho é o melhor alívio para Juliana, bola e massagens são as alternativas preferidas de Francine, na reta final de trabalho de parto. A presença de acompanhantes é liberada – e estimulada – nessa hora, mas nem a mãe, nem o marido de Francine tinham como deixar o trabalho para acompanhá-la. Entretanto, ela não fica sozinha. No pré-parto da Darcy Vargas, onde a privacidade é garantida por cortinas improvisadas entre a meia dúzia de leitos (existem outros dois leitos mais reservados, para adolescentes, gestantes hipertensas ou com necessidades especiais), médicos(as), enfermeiros(as) e auxiliares estão sempre por perto, nem que seja só para uma palavra de carinho, uma massagem ou uma explicação a mais.

Explicação, aliás, é o que as mães – e seus acompanhantes – têm de sobra na Darcy Vargas, no pré-natal, na hora do acolhimento e durante o pré-parto. Quem fez o curso de gestante na maternidade, então, chega mais que preparado: aulas com obstetra, enfermeiro(a), psicólogo(a), anestesista, terapeuta ocupacional, pediatra e odontopediatra desmistificam o parto e orientam sobre amamentação e os primeiros cuidados com o recém-nascido. As rotinas de enfermagem e cada pedacinho da maternidade são previamente conhecidos pelas futuras mães, que já chegam mais tranquilas e confiantes na hora de ter o bebê.

E, se o fantasma da dor ainda assusta, a possibilidade da analgesia é um alívio e tanto para muitas gestantes. Juliana agüentou firme, até o fim. Mas Roseli, outra mãe de primeira viagem, preferiu o conforto da analgesia, depois de várias horas de contrações bastante dolorosas. Na Darcy Vargas – que coleciona os títulos de Maternidade Segura, pelo Ministério da Saúde, e Hospital Amigo da Criança, além de ser referência estadual em partos de alto risco e em banco de leite humano – é a mulher que decide até que ponto consegue, ou quer, suportar a dor. Uma dor que ela mesma mede, numa escala de zero a dez.

Busca-se um parto tão natural quanto possível. Se houver necessidade, existem duas salas cirúrgicas. Mas, se tudo correr normalmente, ele acontece numa sala de parto bem simples, sem luzes ou ruídos excessivos. Pode ser de cócoras, se a mãe desejar; pode ser na penumbra e até ter uma música suave para relaxar. O aparelho de som foi presente, tempos atrás, de uma mãe que queria ouvir uma música especial na hora do nascimento; uma música que ela tinha ouvido durante a gestação inteira. A idéia agradou tanto que hoje a maternidade tem uma coleção de CDs, todos doados pelas próprias famílias ou pela equipe médica. O próximo passo é a chegada de camas PPP, que vão oferecer às gestantes o conforto de dar à luz e de estar ao lado do bebê sem ter de se deslocar de um canto para outro.



E, se o respeito dá o tom do atendimento na maternidade nos momentos de alegria, também está presente nos momentos mais difíceis. Quem perde o bebê fica em ambiente próprio e tem todo amparo psicológico.

O envolvimento da equipe é um dos maiores trunfos da maternidade, condição essencial para que a proposta de humanização, reforçada em reuniões semanais com os profissionais de todas as áreas, do pessoal da limpeza aos obstetras, tenha sucesso. A direção orgulha-se, também, de ajudar a formar essa consciência por um atendimento humanizado entre futuros profissionais de saúde. A maternidade, fundada em 1947, é campo fértil de ensino para estudantes de Medicina e Enfermagem de Joinville. Também é responsável pela capacitação de agentes comunitários da região e tem trabalho fundamental em campanhas de aleitamento materno.

Outro motivo de orgulho: são cerca de 600 partos por mês na maternidade e 99% dos recém-nascidos saem sendo amamentados normalmente. Histórias de leite fraco, de pouco leite, de bebê que não consegue pegar o peito não têm vez na Darcy Vargas. O trabalho em torno da amamentação já começa no pré-natal. No alojamento conjunto, depois do parto, qualquer dúvida, qualquer dificuldade conta com o apoio imediato da equipe. E o Banco de Leite dá o suporte necessário para as mães que tiveram bebês prematuros. Mais ainda: o trabalho de estímulo à amamentação envolve a família inteira: mãe, pai, avó. A figura da avó materna, principalmente, é cercada de carinho na maternidade. A equipe sabe muito bem a influência que ela tem sobre os primeiros cuidados com o bebê, ainda mais quando a mãe é inexperiente.

Dona Vera Lúcia que o diga. Foi a ela que a filha Francine – que ficou fazendo exercícios com a bola bem no finalzinho do trabalho de parto – escolheu como acompanhante na hora de ter o pequeno Bruno Henrique. Foi ela que segurou a mão da filha e acariciou seus cabelos durante o parto. Foi ela que curtiu os primeiros momentos do bebê, que parou de chorar assim que foi colocado no seio da mãe. Primeiro filho, primeiro neto. Vera Lúcia, que foi mãe solteira aos 18 anos, chorou de alegria ao ser avó, aos 38: "Tive tanta dificuldade para ter minha menina. E minha filha foi atendida aqui como uma rainha. É um presente de Deus".





MÃES, FILHOS E FLORES

Amor-perfeito, Rosa, Girassol, Lírio, Jasmim, Margarida, Papoula. Na Maternidade Professor Bandeira Filho, em Recife, cada enfermaria recebe o nome de uma flor. Arranjos coloridos e quadros florais também estão espalhados aqui e ali, ao lado de cartazes e lembretes sobre a importância da amamentação, fotos de mães e bebês. Pequenos detalhes, com um recado certo: maternidade é lugar para comemorar a vida, lugar que precisa ser marcado pela atenção e pelo respeito. Uma lição que a equipe toda vem tentando colocar em prática, num trabalho cuidadoso para superar hábitos arraigados e limitações físicas que a instituição, fundada em 1946, ainda apresenta. Se ainda não é possível ter uma sala de parto fora do bloco cirúrgico, por exemplo, o projeto de humanização implantado há três anos já conseguiu tornar rotina a oferta de opções para alívio de dor, no pré-parto, orientações detalhadas para desmistificar o parto e horário livre para visitas dos companheiros, entre outras iniciativas.

O acolhimento atencioso foi um dos motivos que levaram Conceição Menezes a escolher a Bandeira Filho para ter seu primeiro bebê, o Heitor Henrique. Aos 29 anos, Conceição sempre teve um medo danado de dar à luz. Com razão, pois a mãe morreu quando ela tinha apenas 14 dias, por causa de uma infecção causada por um pedaço de gaze e um instrumento cirúrgico esquecidos dentro do seu abdômen durante a cesariana. Na Bandeira Filho, Conceição pôde esclarecer cada dúvida e afastar o fantasma da negligência médica antes de dar entrada no pré-parto. O conforto da presença constante do pessoal da enfermagem e o acompanhamento da evolução do trabalho de parto por meio do partograma também fazem Conceição encarar o nascimento de Heitor Henrique com muito mais tranquilidade.

Tranquilidade e conforto, também, é contar com o trabalho das doulas, voluntárias da comunidade que se revezam no apoio às futuras mães. Pode ser uma massagem nas costas, para aliviar a dor, a ajuda no banho morno, uma orientação sobre a posição mais confortável ou a respiração correta, ou simplesmente uma palavra de incentivo. Edenise Almeida relata, com satisfação, como as gestantes ficam mais confiantes quando ela está por perto. Aos 30 anos, Edenise nunca teve filhos. Mas se encantou com o trabalho de doula; há um ano, fez curso de treinamento na maternidade e não abre mão do plantão semanal, ao lado das futuras mães. Ela se lembra de uma garota de 15 anos que chegou muito nervosa, puxando os cabelos e chutando as cadeiras. Edenise ficou ao lado da gestante o tempo todo, conversando, fazendo massagem, mostrando como usar o cavalinho, uma cadeira especial que alivia as dores e facilita a descida do bebê. Na hora do parto, a menina já estava mais tranqüila e fez questão de ficar segurando a mão de Edenise até o final. "Elas ficam agradecidas demais, depois ficam querendo mostrar o bebê pra gente, querem visitar, mandar retrato. É uma alegria enorme." conta Edenise.

Mas o apoio, no pré-parto, não fica só por conta das doulas. Enfermeiros(as) e auxiliares são treinados(as) para dar todas as orientações às gestantes. Um deles vem dar mais uma olhada em



Conceição, que já está com sete centímetros de dilatação: "Não quer sentar na banqueta, caminhar mais um pouco? Agora mesmo as contrações vão vir mais seguidas, é assim mesmo." Entre uma contração e outra, Conceição conta que já tomou banho morno, fez cavalinho, caminhou pelo quarto, que também tem barras pela parede para que as mães possam se apoiar na hora das contrações.

Entre um leito e outro – são dois, em cada uma das duas enfermarias do pré-parto –, existe uma divisória, para garantir a privacidade das gestantes. Mas elas é que decidem se querem usá-la ou não. "Aqui quem manda é o freguês", brinca a enfermeira.

Também cabe à mulher decidir se quer ou não entrar andando no bloco cirúrgico. Garantido, mesmo, é um dos momentos mais especiais – para mãe e filho – nessa hora: o contato pele a pele logo depois do nascimento. Se correr tudo bem, o bebê sai do bloco cirúrgico já no peito da mãe.

O incentivo à amamentação, na Bandeira Filho – Hospital Amigo da Criança, desde 2002 – é um dos orgulhos da maternidade municipal, que realiza em média 340 partos/mês. As orientações começam no pré-natal, estendem-se ao pré-parto e ao alojamento conjunto, com palestras diárias e orientações individuais, que envolvem a equipe de médicos(as), enfermeiros(as) e psicólogos(as).

Só não dá leite, na Bandeira Filho, mulher soropositivo. A maternidade oferece teste rápido de Aids, se a gestante não chega com o exame feito no pré-natal. Assistentes sociais e psicólogos(as) estão sempre ali, para ajudar a mulher a lidar com a angústia e a ansiedade no caso de um teste positivo.

É o caso de P., que descobriu, no teste rápido, ser soropositiva. Com o pequeno Charles no colo, ela explica que não vai dar leite para o filho pelo menos até o exame definitivo ficar pronto. Médica e psicóloga sabem que vão precisar de muito carinho e paciência para vencer a dificuldade de P. e da mãe, todas duas da área rural, em entender a dimensão da doença e a necessidade de tratamento cuidadoso, se o teste for confirmado. Enquanto isso, a preocupação é evitar que a garota conviva de perto com outras mães que estão amamentando seus filhos normalmente.





"Fazemos tudo para que, numa situação como essa, em que estão envolvidos sentimentos de medo, revolta e até culpa, elas recebam o maior apoio possível".

Apoio é o que não falta para as mães que já tiveram alta, mas estão com os bebês ainda internados na maternidade. A maioria é bastante carente e muitas, do interior, nem têm família ou amigos no Recife. Nem por isso elas precisam se separar das crianças. O alojamento conjunto, na Bandeira Filho, é garantido até o momento da saída do bebê. Nesse meio tempo, as mães recebem apoio não só da equipe de médicos(as) e enfermeiros(as), como de psicólogos(as) e assistentes sociais. Para aliviar a ansiedade e levantar a auto-estima, elas participam de oficinas de trabalhos manuais conduzidas por terapeutas ocupacionais e têm um espaço de convivência, com sofás e televisão, só para elas.

Um alívio para Elisângela, que ocupa um dos oito leitos da enfermaria Lírio. Com 15 anos, a menina nem consegue imaginar o que faria se tivesse de se separar de Rafael, em tratamento há quatro dias, mas tem certeza de que só vai deixar a maternidade depois que ele estiver bem e mamando direitinho. Sabe também que Rafael vai sair com as vacinas em dia e o teste do pezinho já marcado. E, na saída, ainda vai ganhar um enxovalzinho completo de presente. Doação de uma das muitas entidades que estão sempre colaborando com a Bandeira Filho e que também acreditam que nascimento é momento de alegria e celebração. Um momento mais bonito que todos os lírios, rosas, margaridas e girassóis do mundo.



NO IV PRÊMIO PROFESSOR GALBA DE ARAÚJO, AS
SEGUINTE INSTITUIÇÕES RECEBERAM MENÇÃO HONROSA:



Rio Grande do Norte - Unidade Mista das Quintas

Minas Gerais - Maternidade Maria Barbosa do Hospital Universitário Clemente de Faria - HUCF

Biblioteca MS



16662010735

ISBN 85-334-0860-9



9 788533 408609



**PACTO NACIONAL PELA REDUÇÃO DA
MORTALIDADE MATERNA E NEONATAL**

**Ministério
da Saúde**

